

A SOCIALIZAÇÃO E AUTONOMIA DE PESSOAS IDOSAS POTENCIALIZADAS PELO USO DE TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Ana Carolina Morais Cardoso Azevedo ¹

Aylla de Oliveira Costa²

Virginia Maria Bezerra Silva ³

Edivan Gonçalves da Silva Júnior ⁴

RESUMO

Estudar sobre a relação da pessoa idosa com uso das tecnologias de informação e comunicação emerge cada vez mais como uma demanda urgente à medida que as pessoas idosas vivenciam transformações no seu processo de socialização no franco processo de envelhecimento. A pandemia potencializou o uso dos recursos tecnológicos por idosos e acentuou a relevância das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), uma vez que durante a pandemia essas ferramentas foram eficazes para a socialização e a autonomia dos idosos frente às medidas que impunham o isolamento social. Objetivou-se neste estudo debater as contribuições do uso de TICs no processo de socialização e de autonomia de pessoas idosas. Trata-se de um estudo de revisão narrativa a partir das bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), tendo como descritores: “envelhecimento”; “tecnologias de comunicação e informação”; “socialização de idosos” e “autonomia de idosos”. Foram obtidos 32 artigos a partir da seleção prévia e restaram 14 para composição da amostra, pois os demais não atenderam aos critérios de inclusão devido não apresentarem conformidade com a temática. O presente trabalho mostrou que há estudos sobre essa associação entre socialização e autonomia desencadeados pelas TICs, mas que ainda assim são embrionárias, e merecem ser trabalhadas em pesquisas futuras. Contudo, é observável que as TICs, contribuíram para a quebra de paradigmas e da estigmatização da pessoa idosa quanto aos conhecimentos tecnológicos, pois através da inclusão digital constata-se maior exercício de cidadania, contribuindo para sua autonomia e socialização.

Palavras-chave: Pessoa idosa, Tecnologias de informação e comunicação, Socialização, Autonomia.

INTRODUÇÃO

O processo de transição demográfica trouxe mudanças significativas para a população como um todo, mas principalmente para a população idosa, tendo em vista que, segundo Chaimowicz et al (2009), a diminuição das taxas de mortalidade após a Revolução Industrial aliada a queda na taxa de natalidade a partir da década de 1960, geraram o crescimento no

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ana.azevedo@aluno.uepb.edu.br;

² Graduada pelo Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, aylla.costa@aluno.uepb.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, virginia.silva@aluno.uepb.edu.br;

⁴ Doutorando pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, edivangoncalves@servidor.uepb.edu.br;

envelhecimento populacional no Brasil. Veras (2009) afirma que as transformações no cenário populacional brasileiro trazem desafios para a parcela idosa da população, como o enfrentamento de complexas enfermidades, falta de assistência médica, baixos valores de aposentadoria, escassas atividades de lazer, além do sentimento de estar à margem da sociedade.

Por conseguinte, de acordo com Miranda et al. (2014), os progressos nos campos da saúde foram capazes de permitir que os idosos alcançassem uma melhor qualidade de vida nessa fase, ao promoverem avanços, com o acesso à serviços públicos e privados de qualidade. Entretanto, apesar dos avanços na qualidade de alguns serviços e disponibilidade de novas tecnologias de cuidado em saúde, as garantias de acesso e de efetivação dos serviços públicos, principalmente, ainda são um desafio para a população idosa.

As políticas públicas, as instituições de formação de profissionais e de pesquisadores, a sociedade e os grupos familiares serão cada vez mais chamados a contribuir para o envelhecimento saudável, que é a arte de viver bem, com qualidade de vida. Dentre os principais fatores desse processo de envelhecer, estão a manutenção da capacidade funcional, a prática de atividades físicas, controle ou ausência de doenças crônicas, a aceitação das mudanças biopsicossociais, a saúde, a autonomia, a independência e a criatividade, evitar a depressão, gostar do ambiente domiciliar e ter amigos, inserção social, buscar meios de aprendizagens, etc.
(COLUSSI et al, 2019, p.2)

Dando continuidade acerca da qualidade de vida, tem-se a autonomia como um fator importante para que o idoso possa alcançar efetivo bem-estar. Segundo Miranda et al. (2016), a autonomia ancora-se no atendimento das necessidades básicas da pessoa, influenciando em aspectos como dignidade, integridade, liberdade e independência. Essa autonomia está ligada pela relação do sujeito com o outro, com a sociedade. Através dessa ótica, Furtado et al (2021), argumenta que o contexto do envelhecimento da população deve nos conduzir a reflexões acerca do processo de autonomia, estando presente em vários âmbitos da vida, principalmente no que diz respeito à socialização dos mesmos.

Todos os processos de transformação do organismo, tanto físicos quanto psicológicos, envolvem principalmente os papéis sociais desempenhados pelos indivíduos. (Passerino; Pasqualotti, 2006). A geração que nasceu e foi educada em uma época em que o avançar do tempo transcorria em outra velocidade e as tendências das situações eram de longa duração, hoje torna-se difícil acompanhar as modificações sociais e tecnológicas (Kachar, 2000). Então, considerando que o contexto social e as situações vivenciadas pelo idoso podem torná-lo um sujeito excluído social e digital, estabelece que este pode, da mesma forma, se apropriar de conhecimentos tecnológicos, sobretudo das TICs (SCHENKEL et al, 2009).

Neri (2009) retrata que a teoria da modernização é considerada precursora do conceito sociológico de defasagem estrutural, entendendo que o status social do idoso entra em declínio com a modernização da sociedade. Ou seja, a adoção de novas tecnologias torna os conhecimentos e as capacidades dos idosos obsoletos em favor dos mais jovens, rebaixando seu status e sua influência, seu autoconhecimento e envolvimento social, além do investimento seletivo das sociedades na atualização tecnológica e profissional dos jovens em detrimento das oportunidades oferecidas aos mais velhos, aumentando suas dificuldades no uso dessas novas tecnologias e na sua inclusão na sociedade modernizada.

A partir da terceira revolução industrial, o uso das TICS (Tecnologias da Informação e Comunicação) foi se propagando em função da Internet e de diversas descobertas. De acordo com Pereira (2011, p 158), a primeira revolução em Tecnologia da Informação iniciou-se nos Estados Unidos durante os anos 70, no chamado Vale do Silício (polo tecnológico localizado no estado da Califórnia). Entretanto, tornou-se parte do cotidiano das pessoas na década de 1990. A evolução das TICs não provocou mudanças apenas nas áreas de tecnologia e comunicação, mas em diversas áreas do conhecimento humano. Foram responsáveis por alterações no lazer, conduta, costumes, nas relações entre os indivíduos e nas maneiras de se comunicar (DINIZ et al., 2020).

Por consequência, de acordo com Páscoa & Gil (2017), é inegável a exclusão digital sofrida pela população idosa, gerada pela dificuldade dessa parcela da sociedade em se adaptar aos avanços digitais, visto que ocorreu uma inserção tardia desses dispositivos na vida dos idosos, quando os mesmos já eram adultos mais velhos ou estando na terceira idade e por já se encontrarem fora dos percursos educativos. Os mesmos autores ainda ressaltam que a aquisição de competências digitais por essa parcela da população não diz respeito apenas a utilização de TICs, mas também trabalhar a sua independência, melhorando a sua interação no mundo tecnológico, ampliando as suas relações intergeracionais e pessoais, estimulando as suas capacidades mentais e reduzindo o seu isolamento social e exclusão.

Diante dos fatores citados, buscou-se por meio deste estudo conhecer como os idosos, através das TICs, podem realizar conexões com outras pessoas, vivendo com mais independência e liberdade com enfoque nos benefícios e riscos das tecnologias para pessoas idosas. Assim sendo, demonstrar a importância do emprego de ações e estudos que tragam as questões relacionadas com a socialização e autonomia de essa parcela da população.

METODOLOGIA

Desenvolveu-se uma revisão bibliográfica narrativa, método que permite a busca de respostas para um tema em específico, de forma qualitativa, utilizando fontes bibliográficas confiáveis e atualizadas, a fim de analisar e ampliar o conhecimento acerca do objeto de pesquisa. Para isso, foram considerados os períodos mais atuais com o intuito de encontrar informações atuais acerca da temática estudada. Na busca de artigos, utilizamos as bibliotecas virtuais: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Utilizaram-se como descritores: “envelhecimento”, “Tecnologias da informação e comunicação”, “socialização de idosos”, e “autonomia de idosos”, juntamente com o operador booleano “AND” para interligar os assuntos selecionados. Foram obtidos 32 artigos e restaram 14 para composição da amostra. De acordo com os critérios de inclusão foram considerados os artigos que estavam disponíveis na íntegra, priorizando-se a literatura nacional e que estavam condizentes com a temática. E conforme os critérios de exclusão foram eliminadas as dissertações, teses e Trabalhos de Conclusão de Curso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Socialização dos idosos a partir do acesso às TICS

Depois do acesso às TICS - Tecnologias da Informação e comunicação, o mundo não é mais o mesmo, elas estão presente em vários âmbitos da nossa sociedade, dentre elas: economia, política, cidadania, qualidade de vida, além das relações sociais, que será o enfoque deste estudo, mais precisamente em como a vida social de pessoas idosas é atravessada à partir do seu uso.

Pereira (2021, p 171) define que:

A evolução das TICs não provocou mudanças apenas nas áreas de tecnologia e comunicação, mas em diversas áreas do conhecimento humano. As TICs foram responsáveis por alterações de conduta, de costumes, de consumo, no lazer, nas relações entre os indivíduos e nas formas como eles se comunicam. Novos hábitos sociais foram adquiridos, surgiram novas formas de interação, enfim, uma nova sociedade - A sociedade da Informação.

Estando em um mundo altamente globalizado, e sendo conhecido como “A sociedade da informação”, advindo da criação da internet, e de novos meios para comunicação, trazendo consequências à forma como são desenvolvidos os relacionamentos atualmente.

A Internet, além de mudar a sociedade, as relações interpessoais e a linguagem, modifica o sujeito, que passa a ser potencialmente agente comunicador e interagente,



pois com o acesso maior às informações e às facilidades na comunicação, consegue interagir e participar diretamente, ao mesmo tempo em que recebe informações. Além disso, a Internet é um espaço que encoraja as pessoas a se manifestarem sobre diversos assuntos, pela forma como se dão as interações, que deixam de ser físicas e frente a frente, para serem virtuais (GONÇALVES; REGATTIERI, 2018).

Desse modo, entende-se que, na contemporaneidade, o processo de socialização tem sido cada vez mais dependente da conexão aos meios digitais proporcionados pelas TICS.

Destaca-se que a partir da transição demográfica o número de pessoas idosas vêm aumentando substancialmente ano após ano, e tendo perspectiva que as pessoas com mais de 60 anos chegarão a ser 21,5% da população mundial até 2050, segundo a OMS. A partir disso, identifica-se também uma crescente inserção da população idosa no mundo digital, através das TICS. Castro e Camargo (2017), relata que:

Os idosos buscam acompanhar a evolução tecnológica e os progressos na comunicação, para diminuir o isolamento, sentir-se parte integrante deste novo mundo, sendo que esse contexto de interações pode favorecer a promoção do envelhecimento ativo e contribuir para o envelhecimento bem sucedido, como um mecanismo compensatório diante das perdas.

Nessa perspectiva, é necessário acrescentar um contraponto sobre a relação da pessoa idosa com as TICS, visto que apesar do esforço de uma parte da população idosa para se incluir no mundo digital, este não é um processo natural.

A geração mais nova tem intimidade e atração pelos artefatos tecnológicos, assimila facilmente às mudanças, pois já convive desde tenra idade, explorando os brinquedos eletrônicos e/ou brincando com o celular dos pais. Porém, a geração adulta e mais velha, de origem anterior à disseminação do universo digital e da internet, não consegue acolher e extrair tranquilamente os benefícios dessas evoluções na mesma presteza de assimilação dos jovens (KACHAR, 2010, p. 135).

Depreende-se que a população idosa não assimila da mesma forma que os mais jovens o universo digital, entretanto, isso não quer dizer que isso não pode acontecer, e que a partir desse pressuposto, eles devem ser excluídos digitalmente. Devemos considerar que o envelhecimento populacional está cada vez mais próximo e que isso não deve ser motivo de Ageísmo - (ou Idadismo), uma forma comum de discriminação contra idosos (Rozendo, 2016 p. 80), mas sim, é preciso ter mente políticas de inclusão da população idosa na sociedade, que proporcionem a elas um envelhecimento ativo, se sentindo parte do todo.

Tendo em vista o que foi exposto anteriormente, de acordo com Diniz et al (2020):

O meio virtual tem se configurado como uma alternativa funcional em relação à televisão ou ao rádio, uma vez que os sites e redes sociais os têm atraído pela inovação e agilidade no acesso à informação. Desse modo, a internet é considerada um espaço no qual as pessoas idosas podem desfrutar de informações relativas aos

mais variados interesses, especialmente benefícios para a saúde, que envolvem conhecimento, lazer, trabalho e interação/comunicação. Assim, a inclusão digital entre pessoas idosas é entendida como meio para melhoria da autonomia e da qualidade de vida.

A socialização no processo de envelhecimento é essencial para manutenção da função cognitiva do idoso, estando diretamente ligada à qualidade de vida, e diante do crescimento das ferramentas digitais como forma de interação social, há uma grande necessidade de manter o idoso a par das possibilidades que existem no mundo virtual, isto é, permitir a inclusão digital da terceira idade.

Contudo, percebe-se que se faz necessário algumas ressalvas que devem ser alvo de preocupação ao modo que faz-se movimentos para que essa população esteja incluída digitalmente. Diniz et al (2020) conclui que:

À medida que cresce a inclusão digital, aumenta a distância entre os incluídos digitalmente e os “infoexcluídos” – e embora a população idosa seja a que mais cresce no Brasil, constitui a população mais digitalmente excluída. Em 2009 e em 2010, apenas 5% dos idosos brasileiros eram usuários da Internet. Todavia, tais usuários vêm cada vez mais usando esse meio para se comunicar: 70% deles usavam correio eletrônico, em 2009, e 82%, em 2010, correspondendo à atividade mais realizada por idosos na Internet.

Entende-se que os idosos estão utilizando a internet como forma de se relacionar, apesar destes idosos ditos incluídos digitalmente estarem longe de serem a maioria entre a população idosa. Mas percebe-se que esses 5% supracitados indicam uma vontade subjetiva de socialização, a criação de vínculos, a comunicação com a família, ou a maneira que encontram de estarem informados sobre o que acontece no mundo.

Ao passo que os idosos estão se comunicando e se informando, estão desenvolvendo autonomia, entretanto, há uma representação social que ao chegar na terceira idade, os idosos são tidos como incapazes de assimilar qualquer aprendizagem, porém, vemos que estas pressuposições são estereótipos que culminam em reações ageístas. Segundo Paschoal (2002, p. 82) “tal visão estereotipada aliada à dificuldade de distinguir entre envelhecimento normal e patológico, senescência e senilidade, leva à negação da velhice, ou à negligência de suas necessidades, vontades e desejos”.

A respeito da representação social sobre o envelhecer na era digital, Castro e Camargo (2017) disserta:

Quando os meios de comunicação e troca de informações sofrem aprimoramentos, com a popularização da internet, o fluxo de comunicação aumenta consideravelmente. O poder passa dos mais idosos, com extensa memória e

experiência de vida, para a rede de comunicação rápida. O advento da internet como algo “novo”, em contraposição à figura do idoso como algo “velho” levanta questionamento acerca de possíveis novos elementos da representação social do envelhecimento.

Não só é possível que os idosos estejam incluídos digitalmente por meio das TICS, como pode contribuir para sua inteligência cristalizada - adquirida ao longo da vida, através das suas interações sociais.

Ainda sobre a inclusão digital no processo de socialização, Diniz et al. (2020) contribui afirmando que:

O uso de correio eletrônico por idosos têm o potencial de solidificar a comunicação com familiares e amigos, de fomentar o desenvolvimento de novas amizades e de fortalecer as relações intergeracionais. Além disso, outros meios de comunicação via Internet vêm sendo cada vez mais utilizados pelos idosos brasileiros, desde mensagens instantâneas (como MSN®) e sítios de redes sociais (como Facebook®, Orkut®), até telefonia via internet (como Skype®). Esses meios de comunicação refletem a presença de uma rede social e se inserem no contexto da inclusão digital. A inclusão digital não é um processo passivo. Demanda iniciativa, alta capacidade cognitiva, controle emocional, e aprendizado contínuo.

O que antes não era tão comum e ainda deve ser trabalhado, pois segundo Santana, & Leeson (2013) eles afirmaram que, geralmente, pessoas mais jovens utilizam os aparelhos eletrônicos com mais facilidade do que os longevos, que não se sentem confortáveis para manusear as ferramentas tecnológicas e desacreditam que possuem habilidades para aprender a utilizar esses aparelhos. E isso pôde ser manifestado por intermédio das falas de alguns participantes das pesquisas estudadas em que foi relatado que os motivos que levaram eles a buscarem entender sobre a internet foi devido a possibilidade de contato e socialização com sua rede de apoio. Mas também passaram a utilizar seus dispositivos com diferentes finalidades, como aplicativo de locomoção, restaurantes, como forma de noticiário e até mesmo transações bancárias, o que resulta na redução do sentimento de solidão e abandono.

Percebe-se que com a inclusão do idoso nas redes sociais representa um processo de ganho sociocultural e de empoderamento, que pode ser considerado uma “nova alfabetização” (DINIZ et al, 2020). Visto que as interfaces dos aplicativos e sites são pensados para o público jovem, as pessoas idosas podem sentir certa dificuldade inicial de adaptação, devido ao tamanho das letras e ícones, por exemplo. Mas, de todo modo a aprendizagem é contínua, e quando há um interesse genuíno, e uma disponibilidade afetiva por parte de quem vai ensinar, utilizando-se de repetições, exemplos e paciência, o processo torna-se facilitado. Contribuindo para o desenvolvimento da sociabilidade, e autonomia dessa fase da vida.

Autonomia dos idosos a partir do acesso às TICS

A partir da compreensão do Envelhecimento Ativo, proposto através da OMS - Organização Mundial de Saúde (2005), é necessário enfatizar o lugar da autonomia para pessoa idosa, e esta é definida como: “a habilidade de controlar, lidar e tomar decisões pessoais sobre como se deve viver diariamente, de acordo com suas próprias regras e preferências”.

Contudo, entende-se que na velhice, muitas vezes, a autonomia é desafiada pelas limitações físicas, psicológicas, econômicas e sociais impostas ao sujeito que se encontra em declínios naturais presentes no processo de envelhecimento. A dependência física, por muitas vezes confundida com dependência na tomada de decisão, dá origem a perigosas consequências sociais, e a representação da perda de autonomia do idoso. Um estudo de Teixeira, Nascimento-Schulze e Camargo (2002) realizado com idosos em uma rede básica de saúde, a respeito de representações sociais sobre a saúde na velhice, diagnóstica o papel da autonomia para idosos, cuidadores de pessoas idosas e trabalhadores de saúde:

Ao longo da análise dos dados, observou-se que existem alguns conteúdos presentes nas respostas de quase todos os sujeitos entrevistados, independente do grupo a que pertenciam. Citam-se aqui a autonomia e a execução de atividades de forma independente. É como se o fato de ser autônomo e independente tivesse um forte poder associativo e simbólico com o objeto da representação social que foi explorado: o idoso saudável.

Com isso, observa-se uma considerável associação entre as pessoas idosas que fazem o uso das TICs e por meio delas possuem e se sentem mais autônomas e conseqüentemente mais independentes em detrimento daquelas que não fazem seu uso. Pereira e Neves (2011, p. 05-26) constataram em uma investigação, utilizando estratégias de ensino das TICs no cotidiano de um grupo de idosos que:

A utilização das TIC oferece ao idoso mais autonomia, maior bem-estar e integração social e, por conseguinte, maior índice de felicidade. Para além disso, ao se tornar num “ser digital”, o idoso, mais do que ter acesso à informação, adquire a possibilidade de atuar e interferir na sociedade, já que o uso do computador potencializa a partilha de conhecimento.

Em detrimento do conhecimento da utilização das TICs para busca de qualidade de vida para os idosos, a Comissão Europeia (2007) lança um plano de ação no quadro da iniciativa i2010: “o objetivo é simultaneamente acompanhar as pessoas de idade para que possam ter uma velhice mais segura e autônoma e favorecer o desenvolvimento das tecnologias da informação e das comunicações (TIC) nos serviços prestados às pessoas”. A

partir desse plano de ação, depreende-se que as TICS estão sendo consideradas mundialmente, como um importante meio para propensão de autonomia, visto que através delas os idosos podem ter acesso à informação de forma acessível e independente.

Em vista disso, percebe-se que a autonomia proporcionada pelas TICS pode possibilitar ao idoso experienciar uma velhice mais prazerosa e com percepções diferentes e multidimensionais a respeito das limitações que lhe são impostas por meio da cultura social. Sobre esse fator, Kachar (2010) cita que:

Na medida em que podem ser estimuladas funções cognitivas em situações específicas de ensino e aprendizagem com pessoas de 45 anos ou mais. A partir do desenvolvimento das habilidades para uso das tecnologias, é possível transferir para outras situações semelhantes como consultar caixas eletrônicos e afins.

Desse modo, entende-se que incentivar pessoas idosas a aprendizagem de TICS, pode contribuir para a construção de habilidades semelhantes para o desenvolvimento de sua autonomia, como também corrobora para a saúde mental do idoso, visto que ambos estão correlacionados. Por sua vez, a OMS (2002) indica que:

Incentivar e permitir que as pessoas desenvolvam autonomia, habilidades cognitivas, como resolver problemas, comportamento voltado para o social e capacidade para lidar de maneira eficaz em diferentes situações. Reconhecer e explorar a experiência e o vigor dos idosos para ajudá-los a melhorar seu bem estar psicológico.

Portanto, tendo em consideração os estudos revisados, pode-se concluir que as tecnologias de comunicação e informação, pela crescente expansão em desenvolvimento de ferramentas e também em uso cada vez mais expressivo, é útil nas discussões promovidas direcionada e em participação dos idosos, uma vez que o acesso à informação, a utilização dos recursos de modo a estimular cognitivamente e promover interações para que ele possa construir estratégias para mantimento e/ou resgate da autonomia enquanto ser social que é.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde-se analisar que a longevidade abrange um número expressivo na sociedade e por isso são necessárias estratégias de adaptação a essa realidade, com o propósito de atender às suas premissas através da valorização das capacidades de cada indivíduo e estimulando as habilidades que as pessoas idosas possuem de integrarem-se a esse universo de conexões digitais. Com isso, pode-se verificar que a utilização das TICS permitiu uma participação mais ativa e saudável da pessoa idosa, e, principalmente, tornou mais palpável o exercício de sua cidadania.

O estudo evidenciou que o uso dos meios digitais propicia múltiplos benefícios e entre eles a socialização, por permitir maior interação com amigos e com familiares. O sentimento de inclusão digital e de maior integração na sociedade moderna gera um sentimento de realização e aumento da autoestima. E além disso, reforça os argumentos que vão contra a estigmatização que se dirige ao indivíduo que possui 60+ e que propõe o isolamento de idosos em diferentes esferas da sociedade como o trabalho, o lazer, a participação na comunidade e nas redes sociais.

Por conseguinte, a autonomia consegue se relacionar com a sociabilidade no contexto da utilização dos recursos digitais. Ao passo que a socialização possibilita implicações no convívio social, há também uma significativa melhoria na autonomia, pois os idosos ficam mais participativos na sociedade na sociedade, além de ser ampliada a capacidade funcional e expansão da aprendizagem, e conseqüentemente sua independência sobre terceiros, sendo a pessoa idosa a protagonista de suas ações. E vale salientar que os idosos que se identificam como mais autônomos experienciam se sentir com uma dignidade amparada e maior bem-estar, o que reflete na promoção e qualidade de vida desses sujeitos.

REFERÊNCIAS

A., GAGLIETTI, M. (Orgs.). **Envelhecimento Humano: Saberes e Fazeres**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006, p. 246-260.

COLUSSI, Eliane Lucio et al. **Percepções de idosos e familiares acerca do envelhecimento**. Revista Brasileira Geriátrica Gerontologista, v. 22, p. 01-08, 2019.

CE. **Envelhecer bem na sociedade da informação**, COM 332, Bruxelas, 2007.

CASTRO, A; CAMARGO, B. V. **Representações sociais da velhice e do envelhecimento na era digital: revisão da literatura**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 882-900, dez. 2017.

DINIZ, Janylle Lucas *et al.* **Inclusão digital e o uso da internet pela pessoa idosa no Brasil: estudo transversal**. Revista Brasileira de Enfermagem, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0241>. Acesso em: 12 dez. 2022.

FONSECA, Maria das Graças Uchôa Penido et al. **Papel da autonomia na auto-avaliação da saúde do idoso.** Revista de Saúde Pública, v. 44, p. 159-165, 2010.

FURTADO, Isadora Queiroz Correa Garchet. **Constituição do discurso da autonomia de idosas no cotidiano de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos.** Revista de Saúde Pública, v. 24, p. 01-09, 2021.

GONÇALVES, K; REGATTIERI, S. M. A. **Tecnologia e Cultura: Entendendo as relações sociais na era digital.** Revista Interface Tecnológica, v. 15, n. 1, p. 338–348, 2018. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/325>. Acesso em: 2 out. 2023.

KACHAR, V. **Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital.** Revista Kairós-Gerontologia, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 131-147, 2010.

KACHAR, Vitória. A terceira idade e o computador: interação e transformações significativas. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 11, n. 19, p. 5-21, 2000.

MIRANDA, Gabriella Morais Duarte et al. **O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras.** Rio de Janeiro, Revista Brasileira Geriátrica Gerontologista, v. 22, 2016.

NERI, Anita Liberalesso. **Conceitos e teorias sobre o envelhecimento** In: MALLOY-DINIZ, Leandro., FUENTES, Daniel, COSENZA, Ramon. (Org.). Neuropsicologia do Envelhecimento: uma abordagem multidimensional. Porto Alegre: Artmed, 2013.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde.** Brasília: OPAS; 2005.

OMS divulga relatório sobre envelhecimento e saúde. **Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.** Rio de Janeiro, 2 out. 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br/oms-divulga-relatorio-sobre-envelhecimento-e-saude/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PASCHOAL, S. M. P. (2002). **Qualidade de vida na velhice**. Em: E. V. Freitas, L. Py, A. L. Neri, F. A. X. Cançado, M. Gorzoni & S. M. Rocha. Tratado de Geriatria e Gerontologia. pp.79-84. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

PÁSCOA G. M. G., & Gil, H. M. P. T. (2017). **Envelhecimento e competências digitais: um estudo em populações 50+**. Revista Kairós — Gerontologia, 20(3), pp. 31-56. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

PASSERINO, L. M.; PASQUALOTTI, P. R. **A inclusão digital como prática social: uma visão sócio-histórica da apropriação tecnológica em idosos**. In: PORTELLA, M. R.; PASQUALOTTI, PEREIRA, D. M.; SILVA, G. S. **As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como aliadas para o desenvolvimento**. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, [S. l.], v. 7, n. 8, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1935>. Acesso em: 12 dez. 2022.

ROZENDO, Adriano Da Silva. **Ageísmo: um estudo com grupos de Terceira Idade**. 3. ed. São Paulo: Revista Kairós Gerontologia, 2016. 80 p. v. 19.

SCHENKEL, Cristiane Carla et al. **Uso das tecnologias de informação e comunicação no processo de socialização do idoso**. 2009.

SANTANA, C. S., & Leeson, G. (2013). **Perspectiva de usuários idosos sobre o uso de tecnologia no cotidiano: um estudo comparativo de uma amostra no Reino Unido e no Brasil**. In: Inteligência Artificial, 18(55), 35-49. Recuperado em 01 julho, 2016, de: doi: 10.4114/ia.v18i55.1101.

Teixeira, M. C. T. V., Schulze, C. M. N., & Camargo, B. V. **Representações sociais sobre a saúde na velhice: um diagnóstico psicossocial na rede básica de saúde**. Estudos de Psicologia, v. 7, n. 2, p. 351-359, 2002.

VERAS, Renato. **Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações**. Revista Saúde Pública, v.43, 2009.

VERAS, Renato Teixeira; OLIVEIRA, Martha. **Papel da autonomia na auto-avaliação da saúde do idoso**. Revista Ciência e Saúde Coletiva, v. 23, p. 1929-1936, 2018.